

SEMINÁRIO INTERNACIONAL

MODELOS E POLÍTICAS
DE DESENVOLVIMENTO

Tributo a Aníbal Pinto

Rio de Janeiro - Brasil
Junho de 1998



INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK



Palavras de Antônio Barros de Castro no Painel “Aníbal Pinto”

“Eu tive o privilégio de ter, entre 1963 e 65, um intenso convívio intelectual com Aníbal Pinto. Foi realmente um privilégio, sobretudo, porque ali (no centro CEPAL/BNDE) também estavam Carlos Lessa e Maria da Conceição Tavares. Formávamos um trio quase inseparável, que teve grande presença nos debates sobre a economia brasileira durante vários anos. A referência básica de nosso pensamento era o rico acervo de idéias da CEPAL, filtrado, no entanto, pela sabedoria de Aníbal Pinto.

Pretendo aqui focalizar, unicamente, uma faceta da personalidade intelectual de Aníbal Pinto, porém, convém frisar que 1963/5 a muitos parecia um período de profundas mudanças, em grande medida inesperadas, no Brasil e no mundo. Entre essas mudanças, eu assinalaria, ante de mais nada, o surgimento da divergência chinesa no mundo socialista. Poderíamos daí datar, o início oficial, política e historicamente contundente, do excepcionalismo asiático - que continua aliás em cena nos dias de hoje. Não havia teoria capaz de tratar o fenômeno. Tratava-se de uma realidade que se força, que se coloca no palco da história, sem nenhuma cobertura teórica. A Revolução Cubana também era algo totalmente inesperado. Revolução era algo que estava no ar: porque Cuba, no entanto?

Frente a tantas mudanças e perplexibilidades, havia por aqui um pensamento não muito sistemático, que buscava nutrir-se de nossa realidade e ressaltar a importância do historicamente específico. Era parte do chamado pensamento latino americano. Desde o início, gerava reações adversas. Eu lembraria aqui um artigo que causou polêmica à época, do Lincoln Gordon. O autor ia direto ao ponto, declarando: “tudo bem que haja uma arte latino americana, mas não faz sentido supor uma ciência econômica latino americana, assim como não teria sentido uma matemática latino americana”. O mais inaceitável aspecto desta última postura era, talvez, a sua completa incapacidade de explicar ou mesmo ter em conta seriamente as transformações que se desdobravam diante de nós. É aqui que entra Aníbal Pinto.

Ele nos instigava a pensar a economia inserida e condicionada pela história. A expressão modelo histórico ficou para sempre na minha cabeça associada a Aníbal. Não que ele fosse propriamente um pioneiro em pensar a história e organiza-la de forma inteligível. Este título melhor caberia, entre nós, ao grande mestre Celso Furtado. Mas, eu diria que Aníbal Pinto era um imaginoso e incansável do pensamento historicamente referido, do pensamento contextualizado. E o que eram os modelos históricos que ele tentava elaborar? Aníbal não conseguiu dar uma forma acabada a esta idéia. É um projeto válido que permanece como um grande desafio. O que o mestre conseguiu fazer, além de alguns bons ensaios, foi contagiarnos com a preocupação do pensamento contextualizado, que elimina os detalhes e retém os grandes traços estruturantes do comportamento. Esses grandes traços seriam as permanências e estas teriam a capacidade de batizar (mas não determinar) o comportamento dos agentes econômicos.

Na prática, o importante para nós é que Aníbal Pinto produzia e induzia proposições originais e fecundas acerca da América Latina e do Mundo. E aqui convém voltar a chamar atenção para o fato que o Mundo estava passando por grandes transformações, órfãs do ponto de vista teórico e, neste sentido, altamente carentes de novas hipnoses. Além disto, Aníbal gostava de comparar. À época, um prêmio Nobel da Economia havia, no entanto dito, que comparar economias era tarefa de “sociólogo ocioso”. Aníbal Pinto tinha certeza que não era assim. Sua aposta intelectual era de que a comparação alimenta o conhecimento, o qual, a medida que avança, permite novas

comparações, mais profundas e sutis.

Repensando várias vezes essa questão, sempre lamentei a distância abismal entre a economia e a história, entre a economia e a noção de contexto histórico. Hoje estou convencido de que uma das razões deste lamentável divórcio consiste num debate tragicamente equivocado. Refiro-me ao amargo e destrutivo enfrentamento entre as escolas alemã e austríaca, a fins do século XIX. Karl Menger defendia a abstração como método enquanto Schmoller defendia, com igual radicalismo, uma postura historicista. O debate foi péssimo por duas razões: primeiro, porque Schmoller defendia uma versão absurdamente empiricista da história e de seu uso. Segundo, porque Menger ganhou escandalosamente o debate. A rigor, ilustres pensadores, entre eles Weber, Schumpeter e Wicksel, lamentaram o debate e seu resultado. O mal estava no entanto feito e o chamado método histórico definitivamente estigmatizado. Em alguns grandes clássicos da economia no entanto, a inter-fecundação história-economia havia mais de uma vez patentemente ocorrido.

Durante muitos anos o referido divórcio permaneceu completo, mas isto vai sendo recentemente superado. Um passo importante na direção de uma possível reintegração foi dada mediante dos custos de transação na análise econômica. Por mais que se pretenda reduzir as instituições à sua racionalidade microeconômica, algum tipo de referência histórica torna-se inevitável. Em outras palavras, ao se criar um espaço para as instituições, estava sendo dada uma nova oportunidade para a história.

Contribui sem dúvida para a paulatina formação de um novo quadro, a reafirmação patente, nos mais recentes anos, dos exepcionalismos asiáticos: seu embebedimento histórico e indiscutível. Por outro lado, se neste mundo globalizado, perdem peso os estados nacionais, não é menos certo que estamos presenciando uma autêntica explosão dos localismos e regionalismos. É como se, colocada para fora pela porta da frente, a noção da unidade histórica - a ser utilizada pelo pensamento - voltasse, multiplicada ou subdividida, pela porta dos fundos. O específico, o contextualizado estão hoje, em suma, postos diante de nós, sob a forma de unidades étnico-políticas. Aníbal Pinto sempre nos recomendou que não ficássemos no formal e genérico - e nem tão pouco nos perdêssemos nos detalhes. A meta seria encontrar (Braudel que me perdoe) as tendências “pesadas” e sintetizar seus efeitos estruturantes. Creio que esta resposta continua tão válida hoje, quanto naquela época. Estamos mais uma vez neste fim de século, flagrantemente, diante de transformações imprevistas, de realidade sem teoria. E lamentavelmente continuamos improvisando interpretações que, à última hora, de forma assistemática e pouco pensada, recorrem a um ou outro traço da história, para entender as grandes mudanças com que nos defrontamos. Se conseguíssemos, no entanto, perseguir, com sistematicidade e consistência, a noção de configurações ou modelos históricos, estaríamos melhor equipados para pensar certas grandes mudanças em curso no mundo. Parte pelo menos do caos com que nos defrontamos reflete a miséria de um tipo de pensamento que não tem em conta, sequer, as mais marcantes diferenças entre os contextos históricos. Aníbal Pinto sabia como poucos evitar este tipo de erro.”

Palavras de Carlos Lessa no Painel “Aníbal Pinto”

Senhores membros da Mesa, meus senhores e minhas senhoras.

Vou, contrariando os meus hábitos, começar lendo algumas páginas, porque, ao ser convidado para esse evento, fiquei com medo de que a emoção me dominasse e eu vivesse algum efeito de paralisia mental. Após o convite, revisei minha longa convivência com o mestre Aníbal Pinto.

Eu gostaria imensamente que tivesse sido possível para Aníbal participar dessa nova etapa de discussão, porque ele, certamente, teria uma visão aberta sobre os problemas do mundo de hoje. Saberíamos recolocar os temas, mantendo a matriz, mas sem se apegar a fórmulas, porque não era próprio do seu espírito vincular-se a dogmas, mas ao processo de criatividade, à busca do que está emergindo, do que é novo.(...) Ele nos ajudaria a construir um projeto consistente, sem negar, sem querer quebrar máquinas, como em outra época da história do capitalismo, sem imaginar que a máquina vai esmagar o homem ou que as formas modernas de produção já não dariam margem a formas de sociabilidade capazes de contemplar um certo tipo de progresso, que não seja só material, mas que também seja espiritual e que leve a uma melhor distribuição de recursos na sociedade.(...) Aníbal nos ajudaria muito a pensar, sem rancores e sem dogmas, o mundo do futuro.

Fernando Henrique Cardoso

Aníbal Pinto era un hombre polifacético y podríamos hablar sobre él desde muchas perspectivas.(...) La vida de Aníbal Pinto estuvo marcada por una pasión sin límites por descubrir los complejos cambios que se estaban llevando a cabo en América Latina y por el deseo de minimizar los efectos de las conmociones de los países del centro en las economías de la región. El hecho de haber vivido durante la Gran Depresión de principios de la década de 1930 y las dos grandes guerras mundiales fue sin duda alguna una experiencia que le sirvió para cuestionar los modelos de desarrollo económico y social predominantes en esa época.

Enrique V. Iglesias

Realizar um Seminário como esse tornava-se um imperativo intelectual face à consciência de que o Mundo e a América Latina vivem não apenas uma fase de grandes transformações como de mudanças na própria maneira de perceber essas transformações.(...) É em conjunturas como essas que se impõe, portanto, um grande esforço intelectual para procurar separar o que é importante do que é secundário, para distinguir o que já são processos do que são apenas tendências, para situar numa perspectiva histórica o significado e a importância das contribuições intelectuais do passado - e para delas retirar os ensinamentos que ainda possam ser pertinentes e os valores que são permanentes.

Luciano Martins